

# INCULTURAÇÃO, ENDOCULTURAÇÃO DA IGREJA E CATEQUESE

*Bernardo Cansi*

Sacerdote religioso de la Orden de Frailes Menores Capuchinos. Assessor da Dimensão Bíblico-Catequética da Conferencia de Obispos de Brasil (CNBB). Brasileiro.

## 1. INTRODUÇÃO

A catequese, hoje, é definida como processo permanente, progressivo, orgânico da fé, da esperança, da caridade, da vida cristã. Quer atingir o agente fundamental, que é o adulto.

Também foi definida como a ação eclesial que tem a finalidade de fazer ressoar a Palavra de Deus na comunidade, na história, na sociedade, na cultura moderna. Seu papel primordial é profético-transformador dentro e fora da Igreja.

A comunidade é lugar, fonte, pedagogia, meio pedagógico, condição, conteúdo, meta da educação da fé. Sua fonte principal, o texto por excelência, iluminador da caminhada, é a Escritura Sagrada.

Hoje, no entretanto, a catequese está crescendo em sua radical renovação. Tem novas exigências e novas tarefas a cumprir. Está buscando todas as fontes, como a Patrística, o Ensino Social da Igreja, a Antropologia, a Sociologia Religiosa, e outras, como objetivo de refazer sua face própria, sua função indispensável na formação do Povo de Deus e, especificamente, realizar uma tarefa importante para a Igreja: a de preparar adequadamente agentes, catequistas para as famílias e comunidades católicas.

Hoje, na América Latina e no Caribe, há o desafio a ser assumido por toda a Igreja: a de dar um rosto próprio, inculturado, endoculturado à catequese. Estamos, neste campo, deveras, ainda engatinhando os primeiros passos. Vivemos um tempo de pesquisa, de sonhos, de tentativas. Não temos parâmetros para apoiar-nos. Somos todos marinheiros de primeira viagem na nave da Catequese inculturada e endoculturada.

A esperança, contudo, alenta-nos a buscarmos, juntos, respostas e caminhos acertados. Indubitavelmente, é uma tarefa de toda a Igreja, não apenas da Catequese. Respeitar os valores culturais de cada povo, animando sua história, revitalizando suas energias, realizando suas autênticas aspirações, fortificando seus sonhos e esperanças é tarefa da Igreja toda, de seus teólogos e teólogas, movimentos, pastorais e ação global no mundo de hoje. Não é somente missão dos educadores da fé.

Todas as forças, intelectuais e pastorais, leigos e clero são chamados a envidar energias, criatividade e experiências com a finalidade de darmos, em profundidade, um coração, uma face própria à catequese, isto é, que ela seja, à luz da encarnação do Verbo, inculturada e endoculturada.

Tal tarefa advém de nossa fé em Cristo que assumiu um rosto judeu, galiléico, empobrecido.

É uma exigência de nossa resposta ao Senhor.

## 2. CATEQUESE INCULTURADA

A cultura é o encontro do homem e da mulher com a natureza, com a sociedade, com Deus e consigo mesmos. Ela é a síntese das conquistas da ação sobre a natureza, fruto da arte, do trabalho e do gênio de cada povo; de seu relacionamento e do exercício do poder político; de seu encontro com Deus, expresso em gestos, símbolos religiosos, festas, concepções sobre a vida além- morte; de sua vida utópica, de suas esperanças. Cultura é o estilo próprio, o modo de viver, de conviver, de celebrar, de esperar, de se expressar, de se comunicar, de ser de cada povo.

A catequese recebe o rosto da cultura do povo. A cada povo, uma catequese apropriada, com modo e jeito próprio de ser e de educar a fé. São muitas as culturas. Muitas são as faces da catequese. Diversos são os modos de realizar a educação da fé. Cultura é o espelho de cada povo.

A Catequese é plurifacética. Ela não defende nenhuma cultura. Precisa de todas, como canteiro para crescer e desenvolver-se. Ganha a força da cultura.

Sem a cultura ela não existe. É como a cor. Ela existe sustentada nas flores, nos tecidos, nas paredes.

Sem as flores, as cores desaparecem. De igual forma, a catequese, sem as culturas, desaparece. Sozinha inexistente. É um nada.

Ela precisa do seio, das entranhas de cada cultura para aparecer, para crescer e produzir frutos. Sem as culturas ela fica desenraizada, alienada, morta.

Como a criança precisa das entranhas maternas para existir, crescer, a catequese para sobreviver necessita da terra, da fecundidade, da força vital que advém das culturas. Precisa ter uma face que é a das culturas.

E uma boa catequese, revigora as culturas. A catequese não destrói o vigor das culturas. Pelo contrário, dá-lhes mais viço, vida, cor, vitalidade e juventude. A Catequese inculturada é como uma

fonte, uma vitamina, um alimento que dá musculatura, corpo forte, resistente às culturas, pois a educação da fé promove as pessoas com tudo o que elas têm de bom e purifica aquilo que as escraviza, domina, marginaliza. A Inculturação da fé dá pulmões novos, respiração sadia às culturas, injetando-lhes um ar puro e cheio de vida, que é a Boa Notícia de que elas também vão partilhar das glórias do Corpo Glorioso do Senhor.

### 3. A ENDOCULTURAÇÃO

Ela tem mais os traços fisionômicos da enculturação do que da inculturação. O seu lugar não está do lado de fora, na casca, mas por dentro das culturas. É como a semente. Ela cresce por dentro da fruta. A endoculturação é semelhante às sementes da laranja: elas vivem, crescem e amadurecem por dentro da laranja.

O processo de adesão, de frutificação de nosso encontro pessoal com Jesus Cristo, deve nascer e crescer a partir de nosso interior, de nossas decisões internas, de nossas entranhas. Não é apenas uma adesão intelectual. Mas é uma transformação a partir de nossa liberdade, do coração.

A endoculturação é um processo de evangelização e catequese que se desenvolve não na superfície, no verniz das culturas, mas dentro, enraizado no interior dos povos.

Seu ninho não é feito sobre as culturas, como os passarinhos que constroem seus ninhos sobre as folhas, na superfície dos ramos; a endoculturação aninha-se por dentro das culturas, como o feto da criança que se aninha nas entranhas da mãe.

A evangelização e a catequese não são uma pintura nas paredes das culturas, mas tocam, remexem, vibram a partir da sua ossatura interna. Atingem a vida, as raízes, os costumes, as aspirações, os sonhos, os relacionamentos, sua própria história. As culturas que acolherem Jesus Cristo Ressuscitado, suas promessas de felicidade e o Reino, serão mais vigorosas, mais fortes; terão mais desabrochamento, abertura, diálogo com as outras culturas; seus valores ganharão mais vigor e brilho. Seus anelos de felicidade, de

bem-aventurança receberão mais ardor e significado e certeza.

“A endoculturação é uma aprendizagem que se realiza através da educação informal ou formal de um povo, chamaremos isto de inculturação, endoculturação ou socialização. Trata-se de um processo de familiarização com o conjunto de habilidades, valores, costumes e crenças e com a história do próprio grupo. No processo inculturativo constitui-se o núcleo da identidade social e individual”<sup>1</sup>.

A endoculturação mergulha nas profundidades da cultura, das pessoas, da faixa etária, das etnias, das comunidades, das classes sociais, das famílias para ensopar-se de seus problemas, aspirações, modos de ser, de viver e de conviver, com a finalidade de levar-lhes a mensagem do Evangelho, da pessoa, vida, mensagem, morte e Ressurreição de Cristo. Seu intento não é sufocar a cultura, senão fazê-la adulta, aberta, amadurecida e mais vigorosa.

### 3.1. Catequese com traços faciais da cultura-mãe

Desta forma, a catequese ganha a fisionomia materna e paterna, familiar das culturas. Toda catequese tem rosto de filha, trazendo os traços faciais da mãe-cultura.

Sem a mãe, a filha não consegue sobreviver. Sem a cultura, a catequese fica desfigurada, desafeiçoada, desfigurada, irreconhecível, sem rosto próprio.

A Catequese endoculturada e inculturada traz em si a linguagem, os costumes, as experiências, os valores e muitos outros traços espirituais, afetivos, familiares, religiosos, sócio-políticos, culturais e históricos da mamãe.

Sabemos, contudo, que a filha conserva sua personalidade, vocação, aspirações, sonhos, caminhada próprias. Diferentes da mãe.

---

<sup>1</sup> Cfr. Juan-Luis SEGUNDO, *Libertad y liberación en Mysterium Liberationis*, conceptos fundamentales de la Teología de la Liberación, vol. II, Ed. Trotta, Madrid 1990, p. 391.

uma face inculturada, mas com uma tarefa própria. A cultura não quer destruir ou eliminar a face própria, a identidade da catequese. Tanto a mãe como a filha têm uma tarefa específica, mas convivem, precisam uma da outra. A catequese precisa da cultura, e esta beneficia-se da vida, da vitalidade, do vigor, das raízes da cultura.

A educação da criança acontece por um processo de endoculturação ou de enculturação ou socialização. É uma aprendizagem mútua que acontece entre a mãe e a criança. Entre Catequese e culturas pode haver mais carinho, bom relacionamento e ternura do que entre filhos e pais ou entre filhas e mães.

### 3.2. Cultura e Catequese interagindo

É a catequese que aprende da cultura e esta da catequese. Ambas, cultura e catequese, são ao mesmo tempo discípulas e mestras. Não é somente a catequese que aprende, mas também a cultura se enriquece. É um processo dialógico, como acontece com o processo de interação entre a mensagem e a caminhada de fé da comunidade ou entre fé e vida.

Esta educação mútua, fraternal, faz com que uma leve as marcas da outra. Gera-se, desta forma, uma osmose construtiva, positiva, enriquecedora. O peixe sem a água desfalece. A água, o aquário, com peixes, ganham mais vida e colorido. A catequese ganha e reveste-se da beleza de todas as culturas. A Catequese endoculturada e inculturada fica bonita, bela, encantadora.

As marcas do encontro feliz e desejado entre catequese e cultura do povo não ficam na pele, mas na mentalidade de ambas, mãe e filha.

As mais profundas marcas entre mãe e filha são gravadas no interior, não apenas nos traços fisionômicos. Quando os tios e tias se encontram e contemplam a face da filha, dizem: "Ela se parece bastante com sua mãe". Mas não afirmam que ela é a mãe. Há semelhanças. Isto é, existe uma endoculturação.

Também com a catequese inculturada e endoculturada poder-se-á afirmar: "A catequese tem a face, os traços fisionômicos, as

características, as expressões, as manifestações, o jeito próprio de ser da cultura original-mãe. Podemos reconhecer quem é a mãe pelos traços fisionômicos da filha. Tanto a cultura como a catequese conservam sua identidade própria.

### 3.3. A endoculturação dá vigor à cultura-mãe

A endoculturação não vem substituir a cultura-mãe, mas seu papel é libertá-la de todo obstáculo, desvio, magia, superstição, ilusão, erro. Fazê-la mais humana e humanizante, libertada e libertadora, é sua finalidade. E não deseja fazer uma tarefa superficial, senão séria, vagarosa, constante, a partir de dentro, do interior, do coração, das entranhas da cultura. Os valores evoluem. Os desvalores, as falhas são lentamente superadas, pois são fatores de subdesenvolvimento e de fechamento das culturas. A Boa Nova é uma Notícia alvissareira, libertadora para as culturas.

Abri-las aos valores humanos, à liberdade, à partilha, à igualdade, ao diálogo, à democracia, à cidadania, à paz, ao amor fraterno, à sensibilidade e ao carinho para com os mais excluídos, onde todos tenham voz e vez e sejam superadas as discriminações, os preconceitos, o autoritarismo, o sexismo e outras falhas, é papel da catequese endoculturada. A catequese que nasce de dentro das culturas, não à margem, na casca, no verniz, mas no núcleo central das culturas, só pode trazer harmonia, unidade na diversidade, vida, esperanças. A endoculturação catequética compromete-se com a Boa Notícia de Cristo Ressuscitado, vencedor da morte e da dor.

### 3.4. A endoculturação é sensibilíssima

Endoculturar a catequese é dar ao processo de educação da fé uma grande sensibilidade, uma pele cordial, delicada quanto ao outro. A endoculturação como a inculturação assumem atitudes de escuta, de acolhida fraterna do outro. Jamais silencia a cultura do outro. Pelo contrário, está atentíssima ao que o outro é, diz, comunica, sente, aspira. Quando não escuta o outro, ou pior, quando despreza a cultura do outro, não mais faz endoculturação, mas transculturação, isto é, mata a cultura do outro, é assassina e cruel. Reduz o "outro" ao "eu" do evangelizador.

A catequese endoculturada existe para servir. Não para ser servida. Existe para libertar. Não para aprisionar. Seu papel é como a do Servo Sofredor. Prefere calar-se do que fazer calar. Prefere diminuir-se do que diminuir e enfraquecer a cultura-mãe. Machucar, ferir a cultura-mãe é desfigurar-se a si mesma. A catequese precisa da ajuda da cultura-mãe. E a mãe só pode crescer, alegrar-se, vangloriar-se vendo a mensagem, o Evangelho libertando-a de tudo o que a oprime, entristece, marginaliza ou despersonaliza.

O catequista agindo desta maneira torna-se mais gente, mais meigo, compressivo e compassivo.

#### 4. A CATEQUESE ENDOCULTURADA PROMOVE O OUTRO

Sabemos que o processo de inculturação e endoculturação jamais destrói a alteridade. Ao contrário, promove-a ao máximo. Jamais deve existir a endoculturação e a inculturação assassinas da alteridade. Elas existem para serem mães e fraternas. Seu sentido é serem fonte de vida, raiz de esperanças às culturas. Elas são "gaudium et spes", alegria e esperança do outro. Não são ameaça, ruína, inimigas, mas amigas, solidárias e rio de acolhida, de promoção do outro.

Houve tempos, ainda existem resquícios, em que a evangelização e a catequese integravam o outro no evangelizador e no catequista. Integração é um jogo que elimina a alteridade, a cultura, as experiências, a história e a pessoa do outro. Isto é uma atitude anti-evangélica. É uma ação que aprisiona o outro nos esquemas do evangelizador e do catequista. Jamais pode acontecer Boa Nova com a destruição do outro. Esta é uma experiência que o colonizador das Américas e do Caribe fez junto aos índios e negros. A integração no sistema colonial, do evangelho importado e identificado com a cultura ibérica veio fazer murchar a rosa linda das culturas pré-colombianas. Nunca o Evangelho e o Evangelizador conseguirão plantar esperanças e vida sendo silenciadores da voz e da cultura do outro.

"A integração no sistema colonial significou para os povos indígenas a destruição de sua alteridade e sua incorporação à margem da sociedade nacional. Tal integração era a condição de sua

sobrevivência, já que o sistema colonial não ofereceu nenhuma alternativa no terreno econômico, político ou religioso. A integração, neste sentido, é o polo oposto à inculturação ou endoculturação. É a negação da religião autóctone e da possibilidade de uma Igreja indígena”<sup>2</sup>.

A endoculturação é um encontro festivo, alegre, pascal com o outro. Nunca a catequese inculturada ou endoculturada é proposta ou gesto que dificultem o crescimento e a festa no coração do outro. O outro é sempre caminho de alegria, reencontro com Deus e com a comunhão com o Criador.

O outro é mais um jardim florido do que um espinheiro no caminho. É mais uma fonte, um espelho de Deus do que um obstáculo para nossa liberdade e realização.

Quando o catequista se sobrepõe ao outro, julgando-se maior, mais poderoso, mais forte do que o outro, acontece o silêncio cultural, isto é, a perda da identidade do outro.

O catequista não se julgue mais forte do que o outro, mas companheiro de caminhada, colega com cultura diversa. Portanto, capaz de diálogo e de comunhão com o outro.

## 5. A ENDOCULTURAÇÃO NA MODERNIDADE

Eis um poço, no qual o catequista é convidado a mergulhar: a modernidade. Ele não é um feroz inimigo da modernidade, da pós-modernidade. Ele é um educador da fé na cultura moderna. Ele quer dialogar, encontrando-se com o “outro” a fim de realizar a grande festa da fé. Ele não tem bombas e armas nas mãos. Ele traz um coração sensível, delicado, terno para com os nossos tempos, para com a cidade, os meios de comunicação. A par de tudo isso, ele tem uma mensagem cordial, libertadora e evangélica para anunciar. Com certeza, a modernidade, a cultura urbano-industrial irão sentir-se jubilosos e abrirão suas portas para acolher a catequese endoculturada e inculturada.

<sup>2</sup> Cfr. Paulo SUESS, *Inculturación, conceptos fundamentales de la Teología de la Liberación*, en *Mysterium Liberationis*, op. cit., p. 392-393.

A modernidade, oceano de riquezas, mar de novidades, lago profundo de inquietações, de interrogações, de vida também, receberá com sentido e ardor a mensagem da Boa Notícia, da luz que vem de Cristo pascal.

É gesto indigno de um catequista reprimir e engaiolar o pássaro da liberdade. Sua vocação é dar alimento, aplaudir os valores, as conquistas, a aproximação dos povos, a diversidade das culturas, as vitórias que os povos conseguiram alcançar contra a violência, contra o centralismo étnico, a avassalagem escravizante.

O catequista rejubila-se e enche seu rosto de sorrisos frente aos passos dados no campo dos direitos humanos, da participação da mulher, da comunhão de bens, do sentido social da ciência e da tecnologia.

Porém, a catequese endoculturada e inculturada tem uma função crítica e pascal. Tem uma voz profética. Ela sabe denunciar tudo o que vem contra a dignidade, a festa da fraternidade e que põe os fracos à margem. Ela tem uma voz que traz autenticidade e veracidade. Ela existe para acolher e bater palmas frente ao bem que as pessoas estão fazendo em prol da justiça e do direito no mundo e na cultura.

A catequese endoculturada reconhece o valor da subjetividade. Das idéias e das conquistas realizadas em cada pessoa. Valoriza a sexualidade. A afetividade, o carinho, a ternura, a delicadeza, o respeito. Também convoca a subjetividade a se unir aos outros. A formar parceria com os outros. A construir comunidade, relacionamentos fraternos com todos.

Reconhece a unidade como fruto da diversidade cultural e religiosa. É afeita ao ecumenismo, ao diálogo inter-religioso, ao trabalho inter-religioso no campo sócio-político.

## 6. A CATEQUESE ENDOCULTURADA E A JUVENTUDE

Esta é uma das maiores tarefas da catequese na América Latina: Educar a fé, a esperança, a caridade dos jovens, dentro, na raiz, no

coração de sua cultura juvenil. Eles são os portadores de um mundo novo, com linguagem moderna, nova, desafiadora, com novos conteúdos, novas visões do mundo, da política, da economia, da religião, da cidadania.

A Catequese não conseguiu chegar até os jovens. Não entabulou um diálogo profundo e amigo com eles.

Realmente a juventude é uma escola nova que vem questionando nossos paradigmas, nossas seguranças e cosmovisão.

O jeito de celebrar, de cantar, de vibrar, de relacionarmos-nos, de trabalhar, de convivência, de matrimônio e vida familiar; o modo de se comunicar, são muito diferentes nos jovens e em nós.

O catequista é convidado a sentar-se junto à juventude para recomeçar um jeito novo de viver e de conviver. E deve fazê-lo inspirado na catequese endoculturada e inculturada.

Esta nova pedagogia e nova aprendizagem requerem conversão e espírito pascal. Exigem de nós adesão ao “homem novo” que está surgindo a partir da cultura juvenil. Afirmamos que a Igreja está distante demais da cultura juvenil em sua liturgia, em sua pastoral. Perguntamo-nos: “Quem está caminhando com a cultura juvenil, hoje? Quem são os mestres dos jovens? Onde eles vêm?” Os jovens têm seus mestres, seus guias, que não são os catequistas nem os pais ou o clero. Seus guias têm o rosto da informática, do exterior. Têm suas liturgias, suas celebrações, suas festas e expressões próprias. É um mundo com traços novos e que requer maior reflexão, encarnação, coragem de nossa parte e dos catequistas. Eles reclamam mais aproximação conosco.

Nossos ritos e linguagem, festas e celebrações não os sensibilizam. A Igreja é chamada a reinventar sua linguagem, sua comunicação e relacionamento com os jovens.

Temos que aprender destes novos mestres modernos. Eles são originais, sinceros, apaixonados, dançantes, comunicativos, originais, inventivos.

Com eles a catequese vai aprender a se integrar mais no tempo presente e a se revestir de comunicação capaz de atingi-los . A linguagem dos jovens de hoje é cordial, epidérmica e dérmica, sensorial e afetiva.

### 6.1. A Juventude não aceita a integração

Muitos pais e catequistas querem integrá-los em seus esquemas mentais e religiosos. E os jovens rejeitam nossos modelos pastorais que os levam a perder sua identidade de jovens modernos. Experimentam a “apartação” de nossa parte e da pastoral. Muitos pastores não têm coragem de endoculturar-se neles.

Os jovens e moças de hoje detém inúmeros valores. São capazes de questionar-nos e de exigir que nos convertamos aos valores atuais. Reconhecem que nem tudo o que é moderno é valor. Mas os jovens vivem valores que nós, adultos, rejeitamos ou temos vergonha de assumir.

É certo, nossa cultura dialogante poderá enriquecê-los, e enormemente. Mas, por outro lado, nós temos que endoculturar-nos neles. Realizar esta interação não é perda de identidade, mas aperfeiçoamento da mesma.

Quando estamos com os jovens, percebemos como as culturas são diversas. Diversas devem ser a catequese, a celebração, a pastoral, a linguagem, os ritos, o ritmo. A Igreja não pode perder esta chance de ser mais jovem, mais endoculturada e inculturada na vida, nas experiências culturais do mundo juvenil atual.

### 6.2. Uma Igreja endoculturada e Juvenil

Ou a Igreja caminha com as novas gerações, ou tenderá cada vez mais a ser um grupo à parte, fora da história. E a juventude torna-se, neste caso, profecia para a Igreja. É um grito e um clamor que solicitam mais atenção, mais captação dos valores juvenis. A cultura juvenil contém valores que a Igreja acolhe com alegria: a jovialidade, a busca de caminhos mais modernos de comunicação interpessoal,

grupais, da Boa Notícia recebida com características pessoais, novas, com as notas críticas da nova geração, portadora dos valores da amizade, da sinceridade, da relativização de normas que foram assumidas com demasiada rigidez.

A juventude é capaz de criar mundos novos, novas linguagens, novos estilos de vida, possivelmente antagônicos aos das antigas gerações. Ela tem capacidade de assumir os valores da modernidade, os valores que nascem do ambiente citadino ou de grupos externos, conhecidos internacionalmente, como acontece na cultura musical. A Juventude encarna e vive a arte, a comunicação dos grupos de artistas, cantores, o ritmo próprio dos jovens de outros países. É a abertura aos valores universais, às conquistas e sucessos dos jovens de outras culturas. A juventude transforma os avanços de outros povos em valores de todos, democratizados.

Tudo isto vem enriquecer a sociedade e a Igreja. Sem diminuir a força de seu papel próprio, a Igreja é chamada a renovar-se em muitos campos: na comunicação; no relacionamento com a modernidade; com os meios pedagógicos novos; com o estilo de vida mais simples, alegre, democrático; acolhendo os valores humanos, corporais, a sensibilidade, a afetividade, o respeito aos valores femininos, ternos, de acolhida, fraternidade e liberdade.

Esta "nova encarnação ou constante mergulho na cultura juvenil" faz da Igreja uma mãe, uma discípula de Deus que fala através da cultura jovem.

No processo da catequese endoculturada juvenil, o catequista terá sempre o bom senso e o discernimento suficientes para saber distinguir o que é trigo e o que é jôio. Saberá separar o que é luz e o que são trevas nesta cultura. Não colocará no mesmo grau o erro e a verdade, o certo e o errado. À luz do Evangelho, saberá realizar a verdadeira crítica à cultura juvenil. Saberá assimilar os valores e denunciar os desvalores.

Em sendo mais da metade da população latino-americana e caribenha pertencente à faixa etária da juventude, tendo cerca de ou menos de 25 anos, é fundamental que a catequese e a Igreja se acerquem, se aproximem e dialoguem mais com a cultura dos jovens, aprenda deles como falar ao mundo moderno.

Nossas liturgias, nossa pastoral, a teologia, a espiritualidade, a mística, a oração devem ter traços culturais e valores da juventude, sob a ameaça de ficarmos parados no caminho da história moderna, falando a um rochedo que nada ecoa, falando às pedras.

## CONCLUSÃO

Com o simbolismo da fruta, entendemos assim a catequese endoculturada: Não pretendemos nem sonhamos com uma catequese do carpo, da casca cultural. Nem do mesocarpo, a meio caminho da cultura. Mas do endocarpo: por dentro da história, da cultura, atingindo o coração do pensamento, dos interesses, das decisões, da identidade de cada cultura, especialmente a citadina e a dos empobrecidos.

Falando das flores, desejamos realizar uma catequese não exógena. Mas endógena, capaz de fecundar os novos valores que estão sendo germinados na flor belíssima da cultura atual, dos jovens, da cidade, dos meios de comunicação, purificando-a de traços que despersonalizam, como a capacidade que a modernidade tem de marginalizar os empobrecidos, tornando-os lixos, indesejáveis aos afortunados, aos ricos e detentores do poder e da economia neoliberal.

Não queremos atingir o ectoderma. Nem o mesoderma. Mas o endoderma, a camada interna do embrião cultural da modernidade e da pós-modernidade. Isto é, a camada celular mais profunda da alma, da sensibilidade, da afetividade, dos desejos e sonhos do homem atual, da mulher do nosso tempo.

Fora feita até agora muita catequese do carpo, apenas da pele do homem e da mulher. Podemos alcançar a profundidade última do ser humano, penetrando nas suas paredes mais reais e existenciais. Então a fruta, a flor, o ser humano poderão desabrochar mais, frutificar amadurecidamente aquilo que o Evangelho, a Catequese neles plantou, cultivou e regou com esperança, com carinho e com a ternura.

A semente, na verdade, amadurece, fortifica-se, ganha semblante, identidade e vigor enquanto estiver no seio da fruta. Nela sente-se

bem, em seu habitat, casa e ambiente preferido.

A catequese, se quiser realizar sua missão educadora do Evangelho semeado na terra dos homens, terá que abrir caminhos e aninhar-se nas profundezas do coração, das vértebras, nas entranhas quentes da pessoa humana e das culturas.

O ovo fora do ninho apodrece. Catequese fora da cultura torna-se ação inútil, estéril. Catequese exógena é flor sem fecundação. Catequese endógena é flor que se abre ao sol, ao mundo e perfuma a história. Catequese endoculturada, que vibra na interioridade das culturas é girassol belo, é margarida aberta e rosa perfumosa e encantadora, amada por Deus e pela Igreja.

Endereço do autor:  
Cx. Postal 07-0617  
Avw5 Sul-q 906-Conj. "D"  
70390 BRASILIA. D.F.  
BRASIL

## SUMARIO

La catequesis es la acción eclesial que tiene como finalidad hacer resonar la Palabra de Dios en la historia, en la sociedad o en la cultura moderna, y que tiene a la comunidad como lugar, pedagogía, condición, contenido y meta de la educación en la fe y a la Sagrada Escritura como fuente. Particularmente en América Latina, hay un desafío que debe ser asumido por toda la Iglesia: dar un rostro propio, inculturado y endoculturado a la catequesis. Como la cultura es el espejo de cada pueblo, la catequesis debe recibir el rostro de la cultura del pueblo, pasando por un proceso de endoculturación que lleve a una interacción entre fe y vida. Eso jamás destruye la alteridad, al contrario, es un encuentro dialógico y pascual con el otro, que engendra más vida y no silencio cultural, o sea, pérdida de la identidad del otro.

En su labor evangelizadora, el catequista hoy, inevitablemente, se encuentra con la modernidad y sus conquistas. Y, en relación a ellas, es gesto indigno de un catequista reprimir la libertad y no aplaudir la aproximación de los pueblos, la diversidad de las

culturas, las conquistas de los pueblos contra la violencia y el centralismo ético, la defensa de los derechos humanos, la participación de la mujer y el sentido social de la ciencia y de la tecnología. Eso lleva la catequesis a reconocer la unidad como fruto de la diversidad cultural y religiosa, y a abrirse al ecumenismo, al diálogo y al trabajo inter-religioso en el campo socio-político.

Dentro de este contexto de modernidad en América Latina, una de las tareas más grandes es educar la fe, la esperanza y la caridad de los jóvenes, llegar al corazón de la cultura juvenil. Los jóvenes son portadores de un mundo nuevo, sin embargo, ellos tienen sus maestros, sus liturgias, sus celebraciones, sus fiestas y expresiones propias, frente a los cuales la Iglesia está llamada a reinventar su lenguaje, su comunicación y su relación con ellos.